

Ángeles Abelleira Bardanca
Isabel Abelleira Bardanca

Os fios da infância

InnovArte Educação Infantil



VEJA
MENSAGEM
DO AUTOR

Phorte
editora

Os fios da infância

pnorte
editora

INSTITUTO PHORTE EDUCAÇÃO

PHORTE EDITORA

Diretor-Presidente

Fabio Mazzone

Diretora Financeira

Vânia M.V. Mazzone

Editor-Executivo

Fabio Mazzone

Diretora Administrativa

Elizabeth Toscanelli

Conselho Editorial

Francisco Navarro

José Irineu Gorla

Marcos Neira

Neli Garcia

Reury Frank Bacurau

Roberto Simão

phorte
editora

Ángeles Abelleira Bardanca
Isabel Abelleira Bardanca

Os fios da infância

InnovArte Educação Infantil

Prêmio Marta Mata de Pedagogia 2016

Tradução: Tais Romero


São Paulo, 2018

Título original: *Los hilos de infantil*
Copyright © 2016 by Octaedro Editorial
Os fios da infância
Copyright © 2018 by Phorte Editora

Rua Rui Barbosa, 408
Bela Vista – São Paulo – SP
CEP 01326-010
Tel.: (11) 3141-1033
Site: www.phorte.com.br
E-mail: phorte@phorte.com.br

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma, sem autorização prévia por escrito da Phorte Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

B222f

Bardanca, Ángeles Abelleira

Os fios da infância / Ángeles Abelleira Bardanca, Isabel Abelleira Bardanca ; tradução Tais Romero. – São Paulo : Phorte, 2018.
224 p. : il.

ISBN: 978-85-7655-726-5

Título original: *Los hilos de infantil*

1. Educação infantil 2. Teoria e prática pedagógica – Educação infantil I. Título II. Bardanca, Isabel Abelleira III. Romero, Tais.

18-2024 CDD 372
CDD 372

ph2446.1

Este livro foi avaliado e aprovado pelo Conselho Editorial da Phorte Editora.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

Introdução: a tecelã de mantas	23
Os elementos básicos	25
Começo do trabalho	33
Fio 1. Crescendo	37
Fio 2. Guardando lindas recordações	45
Fio 3. Cravando os pés na terra	53
Fio 4. Admirando a beleza cotidiana	65
Fio 5. Dialogando com a arte	69
Fio 6. Projetando-nos na comunidade	85
Fio 7. “Abrindo a boca” e saboreando a vida.....	91
Fio 8. Destampando o nariz.....	99
Fio 9. Escutando com o coração.....	111
Fio 10. Pensando com a pele	115
Fio 11. Medindo o pulso do tempo	121
Fio 12. Contando histórias da vida	135
Fio 13. Brincando de ser (outros)	143
Fio 14. Soltando a língua.....	147
Fio 15. Escutando a experiência	155
Fio 16. Desvendando mistérios.....	163
Fio 17. Saindo para a vida real	171
Fio 18. Sendo gente pequena	181
Fio 19. Manifestando gratidão	189
Fio 20. Deixando marcas	197
Fechamento do trabalho	205
A manta finalizada	213
Epílogo.....	217
As tecelãs	221

— **Fio 5.** Dialogando com a arte —

A arte em todas as disciplinas é uma constante em nossas salas. Sua presença pode ser circunscrita a duas funções: como inspiração e como produção.

Na decoração das salas de educação infantil, é bastante comum encontrar mascotes ou personagens das séries de TV, em uma – para nós, errônea – tentativa de conectar com os gostos das crianças. O gosto infantil tem que ser educado da mesma forma que os outros aspectos, de maneira que a estética da sala também faz parte da configuração desse modelo de beleza. Muitos estudos têm sido feitos sobre a incidência do espaço ou do ambiente com mais um elemento educador, por isso, lembramos, mesmo brevemente, que se deve tomar cuidado com qualquer imagem apresentada aos pequenos, mostrando-lhes a diversidade de pontos de vista que podem ter sobre um mesmo objeto ou cenário, e, para isso, a arte é uma

fonte inesgotável de recursos, com uma riqueza de nuances que as imagens estereotipadas, de que falamos anteriormente, não podem superar. A arte deve ser uma fonte de inspiração contínua nas salas de educação infantil, isso para não dizer em qualquer espaço que seja habitado por pessoas.

Deve-se estabelecer um diálogo contínuo com o que a arte nos oferece, com as mensagens que nos comunica e com o que nós podemos transmitir por meio dela.

A necessidade da arte na educação é inquestionável, contudo, o modo pelo qual isso é feito pode fazer uma diferença substancial quanto aos efeitos que produz. Nos dias de hoje, é muito comum que o material de arte produzido para crianças conte com pequenos cadernos de trabalho, cuja maioria se reduz a apresentar obras de autores “clássicos”, por suas cores, por seus traços ou por suas temáticas. Disso se pedem aos alunos cópias, buscas de elementos ou ampliações do que não se vê. Não ousaríamos dizer que isso seja prejudicial, mas o trabalho de produção plástica tem que ser algo mais, abrir vias para a criatividade.

Sabemos como é difícil para os meninos e as meninas saírem dos seus clichês plásticos, por isso o papel do adulto é determinante como fonte contínua de questionamento, indagação e diálogo entre a obra que se pretende realizar, os materiais plásticos e as crianças. Sempre destacamos os aportes artísticos do atelierista nas escolas italianas de Reggio Emilia e Pistoia, e ainda que aqui não se contemple essa possibilidade, não é obstáculo para que os docentes tentem assumir esse papel, apresentando materiais, ajudando a resolver problemas e mudando o olhar, enfim, facilitando o diálogo com a arte.

Embora sejam muitas as experiências de vida em que a arte teve um papel preponderante, selecionamos *60 dias chovendo*, *60 nomes de chuva* e *60 formas de chover*, por ser uma das mais abrangentes em relação às características do tempo, às produções plásticas e à relação com o cotidiano.

Quase nos atrevemos a afirmar que a observação do tempo é uma das rotinas mais instauradas nas salas de educação infantil. Algo que, como ato

rotineiro, se repete todos os dias, seguindo os mesmos passos, com variações mínimas que conduzem à verificação das condições meteorológicas nos seus mais diversos registros. Finalizada essa ação, propõem-se outras atividades sem a menor conexão com ela. A observação do tempo pode ser um pretexto para o planejamento das atividades cotidianas, para a introdução das tecnologias, para um contato com a estatística ou para a iniciação da linguagem icônica. Mas, geralmente, fica naquilo. Pode-se dedicar mais ou menos minutos, mas não deixa de ser uma seção do “informe diário” que se realiza nas salas de educação infantil.

Neste capítulo mostraremos como – depois de uma interminável, incessante, ininterrupta, monótona, limitadora e devastadora temporada de chuvas vivida por nossa comunidade no outono-inverno de 2014–2015 – essa rotina pode converter-se em um eixo condutor das atividades diárias, irradiando para outros âmbitos, como o cultural, o artístico, o linguístico e o social.

Como todas as demais experiências, essa não foi planejada *a priori*, mas tem vida própria e vai acontecendo de acordo com os aportes feitos pelos participantes, no momento em que se realiza e, sobretudo, fundamentalmente com a permanência da expectativa com que se inicia. Nós a estruturamos em cinco momentos e finalização, que são as bifurcações ou as direções que foi tomando, mas sempre no mesmo foco ou eixo comum: a observação diária e ao vivo do tempo.

60 dias chovendo, 60 palavras para chuva, 60 modos de chover

O galego deve ser um dos idiomas com mais vocábulos relacionados com a chuva. Nossas tradições orais, nossa literatura, nossa arquitetura, nosso discurso estão impregnados de alusões à chuva, mas o tempo chuvoso desse outono foi algo que nos deixou cansados, já que não houve nenhuma pequena trégua ao longo de 60 dias.

Na volta das férias de Natal, continuamos com a rotina já iniciada nos meses anteriores: todos os dias, ao observar o céu e as previsões meteorológicas, dizíamos “Chove”. Por isso, decidimos introduzir variações. Certamente chovia, mas nem sempre da mesma maneira ou na mesma intensidade. Lançando mão de um rico vocabulário galego, começamos a refinar um pouco mais as nossas apreciações.

Às vezes chove fininho [*miudiño*, no original]; outras vezes, de causar enxurrada; em outras, cai uma tormenta, ou um aguaceiro, ou uma chuva miúda e pouco intensa [*babuxa*, no original], ou uma chuva fria e com vento [*coriscada*, no original], ou um dilúvio, ou uma chuva fina e rápida [*orballada*, no original]. O galego dispõe de dezenas de palavras para nomear os vários tipos de chuva que temos, então começamos a chamar a chuva por seus nomes.

Ainda assim, quisemos deixar um constante registro plástico desse rico leque de denominações da chuva. Todos os dias, em algum momento, observávamos a cor do céu e as nuvens que originam cada tipo de chuva. Buscávamos a denominação mais ajustada àquela forma de chover e tratávamos de representá-la plasticamente. Sempre usávamos o mesmo tipo de suporte – sobre o qual se aplicava rapidamente a cor mais próxima do real, fazendo misturas diversas apenas com três cores: azul, branco e preto – e materiais variados com que tentávamos representar o tamanho, a intensidade e a variedade das gotas que caíam (miçangas, parafusos, fios, tecidos, algodão). Devemos ressaltar que, nesse caso, fomos nós que nos ocupamos da montagem por usar cola quente. Mas as crianças não foram meros espectadores, eram interlocutores entre a realidade e a representação, opinando, selecionando ou questionando o que era feito.

Posteriormente, também foram elas que se encarregaram de explicar a exposição que resultou disso, intitulada *25 quadros sobre a chuva e outros fenômenos*, que foi visitada por famílias e colegas e que incluía alguns textos com nomes, substantivos, adjetivos, verbos, expressões, ditos populares e provérbios sobre a chuva. Essa abertura à comunidade também é

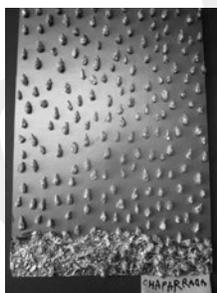
considerada muito rica, sobretudo levando em conta que muitas das famílias dos nossos alunos são de outras regiões ou países.

Esse trabalho nos possibilitou conhecer o vocabulário próprio da nossa língua, fenômenos meteorológicos, literatura, poesia, o ciclo da água, a linguagem plástica e muitas outras aprendizagens e experiências. Esse foi o ponto positivo dessa temporada de tanta instabilidade meteorológica: conhecer a riqueza linguística do galego.

Nas imagens a seguir, podem-se ver alguns exemplos das representações plásticas da chuva, todas elas acompanhadas dos seus respectivos títulos.



Exposição



“Aguaceiro”
[“Chaparrón”,
no original]



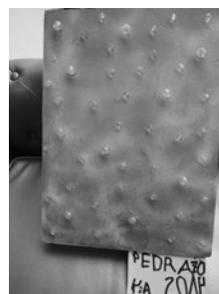
“Choven canivetes”
[“Choven chuzos de
punta”, no original]



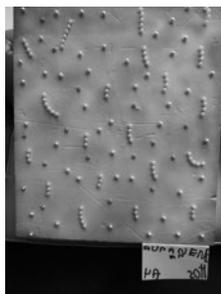
Névoa espessa e baixa
[“Borraxeira”,
no original]



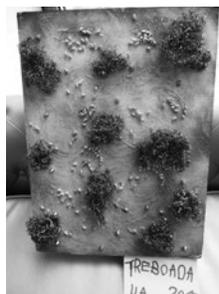
“Cortina de chuva”



“Granizo” (chuva
congelada que cai em
forma de pedras de gelo)
[“Pedrazo”, no original]



“Neve úmida”
[“Aguanieve”, no original]



“Tormenta” (chuva intensa e súbita que geralmente vem acompanhada de tormenta e vento)
[“Treboada”, no original]



“Dilúvio”

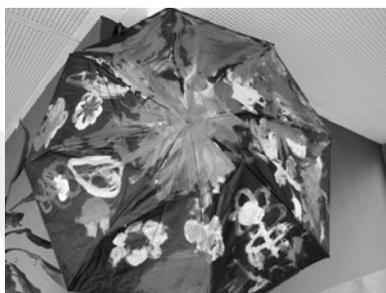


Guarda-chuva para quê?

E seguia chovendo e soprando o vento com tal intensidade que era raro o dia em que não encontrávamos guarda-chuvas quebrados nas latas de lixo que cercam a escola. Por isso colocamos um comunicado na porta, pedindo que nos entregassem esses guarda-chuvas para darmos a eles uma segunda vida mais artística.

Fio 5. Dialogando com a arte

Na sala, inicialmente vimos a utilidade do guarda-chuva, que vai mais além da estética, embora, às vezes, esta seja a única utilidade a que os meninos e as meninas prestam atenção. Falamos sobre a sua forma; refletimos sobre a sua utilidade, no caso de ter outra; vimos quais são os que cumprem melhor a sua função e, finalmente, os motivos pelos quais agora estavam destruídos. Quando perguntávamos às crianças qual seria o último destino deles, respondiam que era a lata de lixo. Nós as fizemos mudar de ideia, vendo as possibilidades do guarda-chuva como suporte de criações pictóricas. Com tinta acrílica e por grupos, aqui estão alguns dos resultados que foram expostos nos corredores do centro.



"Guarda-chuva jardim"
["Paraguas jardín", no original]



"Guarda-chuva céu arco-íris"
["Paraguas cielo arco iris", no original]



Exposição de guarda-chuvas

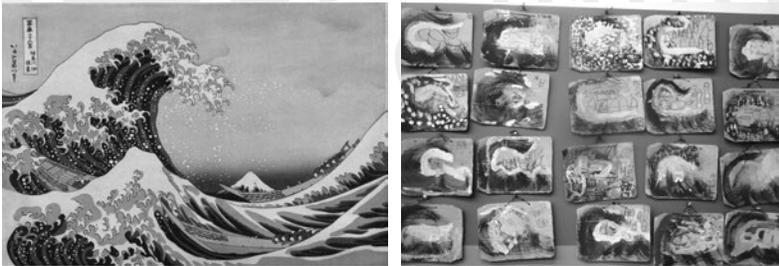


"Guarda-chuva chuva de verão"
["Paraguas lluvia de verano", no original]

Os temporais: *A grande onda* e *A caixa dos trovões*

Lá pelos meses de janeiro e fevereiro, nós todos ficamos surpresos com as ondas gigantescas que assolavam a nossa costa, por isso tivemos que buscar uma explicação para esse fenômeno, já que, até agora, para as crianças, as ondas faziam parte da diversão de um dia de praia no verão. Depois das contribuições de algumas delas, buscamos informações na internet e, assim, soubemos por que há ondas no mar, e não em uma piscina, em um rio ou em um tanque. Pudemos comprovar isso com um secador de cabelo apontado para um balde d'água. Também falamos das vantagens e da diversão com as ondas, bem como dos inconvenientes e perigos.

Em seguida, imediatamente fizemos associação com a magistral gravura *A grande onda de Kanagawa*, do japonês Hokusai, que também foi fonte de inspiração para outros artistas, incluindo Roy Lichtenstein, e para a peça musical *La mer*,¹ de Claude Debussy.



Para nossa surpresa, algumas crianças já conheciam a gravura, porque aparece em um episódio de uma série infantil. A visualização dessa gravura levou as crianças a acreditar que também poderiam representar as ondas com apenas duas cores. Assim, colocamos mãos à obra usando giz de cera, mas os resultados não foram muito do agrado delas, por isso repetimos com outras técnicas: fundo com rolo, pincel seco com dois tons de azul

1 N. E.: *O mar*, em português.

para a onda, canetinhas para barcos e têmpera branca com pincel fino para a espuma do mar. O conjunto de todas as reproduções também foi para a exposição intitulada *Grandes ondas*.

Enquanto isso, as tempestades com raios seguiam amedrontando e assustando tanto os meninos como as meninas, então decidimos dedicar um tempo a elas. Em primeiro lugar, foi necessária uma definição dos termos raios, trovões e relâmpagos, já que existe uma grande confusão entre esses três fenômenos, bem como uma associação errada – não rara – quanto à forma dos raios.

Escutamos trovões, vimos imagens de relâmpagos, falamos sobre suas consequências e que precauções adotar. Pudemos inclusive apreciar sua beleza, e, para isso, usamos a sugestiva e emblemática intervenção *Lightning field*,² de Walter De Maria, instalada no deserto do Novo México, nos anos 1970.



Lightning field



Raios, trovões e relâmpagos

Para finalizar, fizemos uma representação dos relâmpagos com “pintura autônoma”. Sobre uma base de cartolina coberta de giz de cera e depois riscada, deixamos escorrer uma gota de tinta, que, colocada na vertical, vai se ramificando de forma similar aos relâmpagos.

Mas os nossos alunos queriam uma representação dos trovões, raios e relâmpagos para incrementar a exposição da chuva. Esse foi um desafio

2 N. E.: A instalação *Lightning field* (ou *Campo de raios*, em português) consiste em 400 estacas de aço inoxidável polido, fincadas na terra e rigorosamente equidistantes entre si, as quais atraem as descargas elétricas causadas pelas constantes tempestades que ocorrem na região.

para nós, já que capturar o som, os *flashes* de luz e as sensações que produzem não nos parecia nada fácil. Depois de pedir a ajuda de outras professoras, fomos reunindo instrumentos musicais cujo som lembra o de trovões e tempestades. De um deles nem conhecíamos o nome, mas reconhecemos seu som, pelo qual foi chamado de “Fazedor de trovões”. Outros, como o “pau de chuva”, depois de descobrirmos o que havia dentro deles para fazerem esse som tão similar à chuva, deram ocasião a que fizéssemos nossos próprios paus de chuva caseiros.



“A caixa dos trovões”



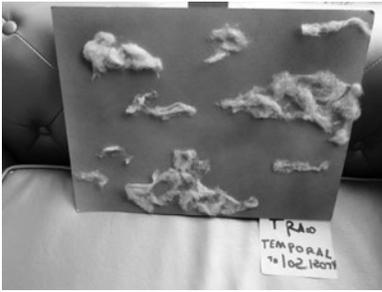
“A caixa dos trovões”
(detalhe)



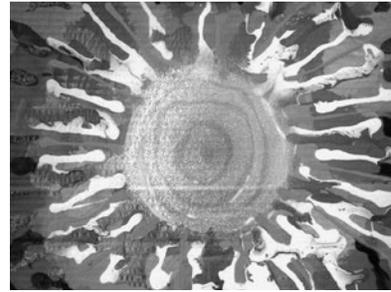
“A caixa dos trovões” com o pau de chuva e o “Fazedor de trovões”

Homenagem ao Sol

Por fim, um dia do mês de março, depois de três meses de chuva, apareceu o Sol brilhando com toda a sua força, luz e esplendor, e com ele, a alegria. Havia uma atmosfera festiva pelas ruas e pelos parques infantis. Nunca tínhamos sentido tanto a sua falta. Nossos alunos não se cansavam de ficar ao ar livre e de olhar o céu azul. Assim, quisemos fazer nossa homenagem particular ao Sol que nos dá tanta vida. Foi algo muito rápido e espontâneo, por isso usamos a técnica de gotejar a tinta diretamente do pote, deixando que ela mesma se movesse livremente. Como não poderia deixar de ser, as cores escolhidas foram brilhantes, cheias de faíscas e de luz. Os materiais usados foram têmpera líquida sobre papelão.



“Depois do temporal” [“Tras el temporal”,
no original]



“Sol”

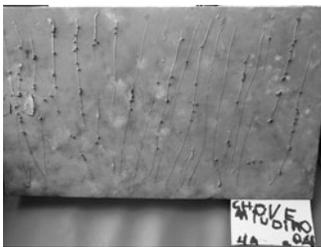


Exposição “Homenagem ao Sol”



Exposição “Homenagem ao Sol” (detalhe)

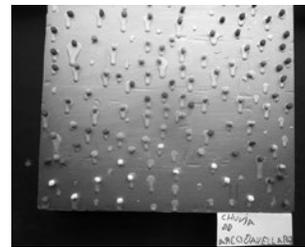
A trégua durou aproximadamente dez dias, logo voltou a chover, mas, aos nossos olhos, já não chovia como choveu no inverno. Inclusive, em algumas ocasiões, a chuva vinha acompanhada de arco-íris. A maior parte das vezes era chuva fina, por isso intitulamos o quadro de “Chove fininho” [“Chove miudiño”, no original], em homenagem aos famosos versos de Rosalía de Castro, poetisa galega mais conhecida.



“Chove fininho”
[“Chove miudiño”, no original]



“Chuva de verão”



“Chuva do arco-íris” [“Chuvia
do arco da vella”, no original]

Os frutos da chuva: As botas de morangos

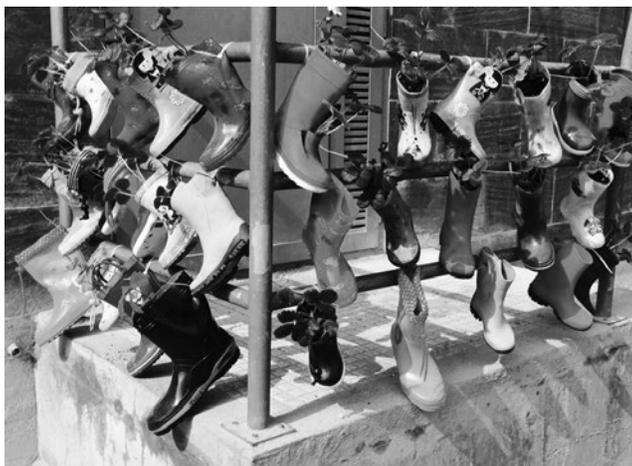
Quando chegou a primavera, a lembrança da prolongada temporada de chuvas nos fez valorizar de outro modo os dias em que, mesmo não sendo esplêndidos, pelo menos não chove. Contudo, não queremos que fique uma má recordação de um trimestre tão produtivo do ponto de vista das aprendizagens realizadas. Nosso clima é diferente, mas nos diferencia e nos define. Isso nos limita, mas também nos dá outras possibilidades que não estão disponíveis em lugares mais quentes; por exemplo, a fertilidade da nossa terra e das nossas plantas.

Por isso, como encerramento de uma etapa, decidimos plantar morangos nas botas para chuva (as *katiuskas*) já descartadas por estarem danificadas ou porque ficaram pequenas.

Uma metáfora vegetal como recordação dessa experiência.



Botas de morangos (materiais)



Botas de morangos (localização)

“Água doce. Quando a água é arte”

Como se tivesse caído do céu e coincidindo com o final do semestre, foi inaugurada, na Cidade da Cultura de Santiago de Compostela, a macroexposição *Água doce. Quando a água é arte*. Não podíamos imaginar um fechamento melhor para o nosso trabalho do que uma visita didática a alguma das 700 obras que a integravam.



Tendo feito contato com o Departamento Didático do Museu da Cidade da Cultura e explicado nosso projeto escolar, convidaram-nos para visitar a exposição *Água doce* e deixar expostas algumas de nossas produções plásticas. Isso veio para preencher uma de nossas reivindicações históricas: que os centros museológicos contemplem a possibilidade de dar lugar e voz aos alunos para que suas intervenções artísticas possam dialogar com os autores consagrados.

Não queremos museus para crianças; o que pedimos é que as salas expositivas sejam mais abertas e democráticas. Acreditamos que esses tipos de ações teriam uma repercussão na sociedade em geral, mudando o seu olhar sobre o que as crianças fazem nas escolas, ao mesmo tempo que as crianças se sentem representadas nesses lugares, inicialmente concebidos para adultos que também desejam que os pequenos os frequentem.

Esse trabalho teve uma grande repercussão na comunidade, porque foi divulgado enquanto se realizava. Além disso, utilizamos os corredores da escola como espaço expositivo, que foi visitado todas as tardes e nos dias de portas abertas. Nossos alunos foram perfeitos guias de seus colegas, explicando-lhes todas as suas realizações plásticas.

Vale recordar o que apontamos no início: muitas famílias de nossos alunos não são de origem galega; em consequência, não conheciam a riqueza linguística da língua galega. Eles não faziam grandes diferenciações quanto à chuva, seu vocabulário, suas expressões e suas formas. E claro, a maior parte deles, apesar de conhecer o clichê “Santiago, onde a chuva é arte”, não tinha percebido o alcance desse *slogan* publicitário.

Essa foi uma das experiências que chamamos de “elásticas”, porque sabemos quando e como começam, mas o que não podemos antecipar são as possibilidades que elas vão abrir, e, nesse caso, foram muitas. Também mudou o olhar negativo que quase todas as crianças têm sobre a chuva, pois limita seus movimentos, seus passatempos e seus prazeres infantis.

Nossa maior satisfação é quando as ouvimos afirmar que está chovendo de uma forma concreta; elas fazem isso com uma precisão terminológica da qual os adultos às vezes carecem.

Para mais informações:

<https://innovarteinfantilesp.wordpress.com/2014/02/11/60-dias-lloviendo-60-nombres-de-la-lluvia-y-60-modos-de-llover>

<https://innovarteinfantilesp.wordpress.com/2014/02/12/paraguas-para-que-para-la-lluvia>

<https://innovarteinfantilesp.wordpress.com/2014/01/10/la-gran-ola>

<https://innovarteinfantilesp.wordpress.com/2013/03/11/rayos-truenos-y-relampagos>

<https://innovarteinfantilesp.wordpress.com/2014/02/13/la-caja-de-los-truenos>

<https://innovarteinfantilesp.wordpress.com/2014/03/10/homenaje-al-sol>

<https://innovarteinfantilesp.wordpress.com/2014/03/21/botas-freseras>

Se conseguirmos que os pequenos apreciem suas conquistas, descubram os outros, aprendam a manifestar seus sentimentos, conectem-se à natureza, deleitem-se com a arte, valorizem as pequenas coisas, brinquem e aproveitem, usem a lógica matemática para a vida, aproximem-se do pensamento científico e da sabedoria popular, admirem a beleza do cotidiano, despertem os sentidos, soltem a língua, abram-se ao não acadêmico, celebrem a vida, aprendam a guardar recordações preciosas, descubram os arredores, iniciem o amor pelos livros e pela leitura, desfrutem da sua infância como crianças, tudo isso somado a que sejam capazes de manifestar gratidão pelo que a vida e as pessoas lhes dão, acreditamos que se pode requerer mais ou menos isso das aprendizagens na etapa da educação infantil.

Estas são palavras das autoras deste fascinante livro, destinado a todos os que trabalham com a educação infantil, e elas mostram aqui como costurar uma manta simbólica, fio a fio, de modo que todos esses objetivos sejam alcançados.